

AS MEMÓRIAS DE VIAGENS À ITÁLIA NA POESIA E NA CRÔNICA DE CECÍLIA MEIRELES

Leonardo Chioda*

Resumo

A análise das associações entre as crônicas de Cecília Meireles sobre suas viagens à Itália, publicadas no jornal *Diário de Notícias* nos anos de 1953 a 1958, e o seu livro *Poemas Italianos*, publicado postumamente em 1968, é um trabalho que favorece o conceito de literatura de viagem. Tendo em vista a sua intensa atividade em vários países da Europa e do resto do mundo, sua relação com a Itália vem a ser a menos explorada por pesquisadores e estudiosos de sua obra. A importância de suas crônicas e poemas inspirados nesse país começa no sentido de irmandade que a escritora ressalta em seus versos e parágrafos ao dar-se conta da imponência arquitetônica e histórica que perdura no solo, na paisagem e na memória italiana. Considerando as crônicas e o livro de poemas como sendo registros de seus itinerários, o artigo traça as convergências entre as obras e contribui para uma descrição mais nítida de suas memórias enquanto poetisa, cronista e, sobretudo, viajante.

Palavras-chave

Cecília Meireles; Crônicas de viagem; Itália; Literatura brasileira; *Poemas italianos*.

Abstract

This paper promotes the concept of travel literature by analyzing associations between Cecília Meireles' chronicles about her trips to Italy, published in the newspaper *Diário de Notícias* from 1953 to 1958, and her book *Poemas Italianos*, posthumously published in 1968. In view of her intense activity in several countries of Europe and the rest of the world, the relationship with Italy is the least explored by researchers and scholars of her work. The importance of her chronicles and poems inspired in this country starts in the sense of brotherhood that the writer points out in her verses and paragraphs once she realizes the historical and architectural magnificence that remains in Italian soil, landscape and memories. Considering the chronicles and the book of poems as records of her journeys, this article traces the similarities between these two works and contributes to a clearer description of her memories as a poet, a writer, and, above all, a traveler.

Keywords

Brazilian literature; Cecília Meireles; Italy; *Poemas Italianos*; Travel chronicles.

* Curso de Letras - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP/Assis. E-mail: leochioda@gmail.com.

Cecília Meireles é uma das grandes escritoras que o Brasil tem em seu cânone literário. Carioca com ascendência açoriana, dedicou sua vida à poesia, à cultura e à educação, contribuindo para a literatura brasileira de forma singular, sem vincular-se totalmente ao movimento modernista iniciado na década de 1920. Sua obra, de caráter social e ainda assim intimamente pessoal, ressalta a importância do tempo, da natureza, do sentimento, dos sentidos e mesmo das injustiças, como no caso do *Romanceiro da Inconfidência*, livro que universaliza seu nome, publicado em 1953.

Tecelã incansável da escrita, a autora de *Viagem* (1939), além da produção poética, dedicou-se também ao jornalismo, e trabalhou em grandes jornais brasileiros como o *Diário de Notícias*, com colunas sobre educação a partir de 1930, participando ativamente de comissões a favor de reformas educacionais no Brasil. Em 1936 começa a contribuir com crônicas semanais como as de viagens, faceta ainda pouco conhecida da escritora. Em sua obra em prosa, lançada pela editora Nova Fronteira, destacam-se três volumes apenas para seus relatos de viajante, organizados de acordo com os temas discutidos.

A prosa circunstancial de Cecília, marcada pelo lirismo já nítido em toda a sua extensão poética, ressalta a importância da memória e dos contatos humanos em relação aos lugares de longe e, não menos importante, dos sentimentos que o convívio com outras sociedades proporciona, com todas as belezas e as precariedades de qualquer nação do mundo.

Porém tão importantes quanto os seus relatos de viagem são os livros de poesia que derivaram de suas visitas, como é o caso de *Doze noturnos da Holanda*, *Poemas escritos na Índia* e, postumamente, *Poemas italianos*.

Em Cecília Meireles, a crônica é testemunha de suas andanças pelo mundo, de seus passeios, visitas, visões e recordações em cada pouso e em cada encontro com monumentos e pessoas ilustres que surgem no itinerário – o que se opõe ao caráter aparentemente efêmero da crônica de jornal.

É provável, no entanto, que a mesma marca de eternidade de suas crônicas de viagem tenha suscitado a canonização de suas lembranças em poemas, como é o caso do livro *Poemas italianos*, fruto da intensa atividade poética durante sua excursão pela Itália: 46 poemas que, de acordo com suas razões emocionais, destoam da ordem cronológica de seus passeios pelo país e assumem, ainda, uma organização própria que remete aos seus relatos publicados no *Diário de Notícias*, no ano de 1953. A primeira edição, lançada pelo Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro de São Paulo, trazia a versão em italiano assinada pelo professor Edoardo Bizzarri, responsável também pelas traduções de João Guimarães Rosa. Bizzarri comenta, logo no início da publicação, que os poemas esperariam quatro anos após a morte de Cecília para virem a público em um volume inteiramente dedicado a eles, algo que a poetisa ainda pretendia fazer.

Tomando como exemplo o poema “Muros de Roma”, Cecília pinta a capital italiana em tons amarelados, especifica o sol como responsável pelo espetáculo de pedra, de passado e de antepassados e pela memória viva dos trabalhadores que construíram as muralhas e palácios, como em uma pintura clássica:

Nos muros da urbe
dourados de sol
deslizam as mãos póstumas, douradas de terra. (MEIRELES, 2005, p. 83).

Na crônica “Todos os caminhos...”, datada de 1955, Cecília descreve as paisagens de sua chegada em Roma após partir da Índia, afirmando que “de estranho fogo foram impregnados estes muros de Roma, que, apesar do dia

sombrio, parece haver em redor da cidade um cinto de sol" (MEIRELES, 1999, p. 57).

Um exemplo mais nítido em que se pode comparar a descrição de suas jornadas pela Itália a um poema é o da crônica "Cidade líquida", em que a poetisa leva o leitor a um passeio pela cidade de Veneza em dia chuvoso – do trajeto de gôndola na ponte Rialto até a Piazza San Marco, citando o carnaval, as colunas e o viajante Marco Polo como particularidades locais. A mais próxima referência do lirismo dessa crônica em *Poemas italianos* está no poema "Chuva no Palácio dos Doges", em que ela indaga sobre a escadaria molhada que dificulta a subida e o vento que esfria ainda mais as esculturas e vidraças do Palazzo Ducale, descrevendo a imponência, a imortalidade e as histórias que ultrapassam o arquitetônico e afetam o humano que visita o local:

Perde-se a alma, nestes lugares
com o passado erguido nos muros
e os deuses visíveis, nos ares... (MEIRELES, 2005, p. 91)

A poetisa aproxima os monumentos, as ruas, os cenários e as artes às emoções, às memórias e à natureza do ser humano, como em "Via Appia", afirmando que durante o caminho ela não pisa em meras pedras, mas nas próprias mãos que as colocaram ali:

Ruínas não vejo, apenas:
– mas os mortos que aqui foram guardados,
com suas coragens e seus medos da vida e da morte. (MEIRELES, 2005, p. 78)

Em "Saudades futuras", crônica que recolhe pequenos instantâneos escritos após a viagem, a identificação com as pedras, os caminhos e as construções toma proporções viscerais, quando a saudade desses trajetos a faz questionar: "... que partículas veem nesta poeira de tantos séculos?... E quem quer que sejamos somos um pouco de tudo isso" (MEIRELES, 1999, p. 78).

Ainda em outra crônica, "Nem sempre...", Cecília concorda em

deixar que a poeira da Via Appia encoste em nosso rosto partículas que pertenceram a vidas variadíssimas, que se levantam da terra agreste, das estátuas partidas, dos túmulos seculares, e sentir a solidariedade do pó que somos e seremos. (MEIRELES, 1999, p. 96)

Observa-se, a partir dessas associações que se completam, que a premissa inicial da crônica destoava do caráter que a prosa circunstancial de Cecília Meireles assume, seja por sua complexa expressão temporal ou por seu existencialismo, eternizados em seus relatos de viagem, sempre no momento presente e em sua distinção conceitual entre turista e viajante. O sentimento de familiaridade com os antigos trabalhadores e arquitetos, assim como o carinhoso respeito pelos mortos, mescla-se com a estranheza de que, mesmo sem nunca ter estado ali antes, os sente, os entende. O passado, o presente e o futuro em esculturas, fontes, praças e igrejas são os motivos que fazem Cecília abraçar cada lugar visitado e dialogar com cada ser que cruza seu caminho.

Justifica-se, daí, o sentido de viajante, que não tem tempo de amar completamente uma cidade. Ao contrário do turista, que a *rouba*, a retém por meio da fotografia e das lembranças compradas, o viajante a sente empiricamente e a mantém o máximo possível na memória. Tal teoria é ressaltada em suas crônicas italianas e mais ainda em seus poemas, que se

traduzem como um forte registro da sua experiência humana de conhecer e se envolver com realidades diferentes e, ao mesmo tempo, tão familiares.

A criação dos *Poemas italianos* resultaria, portanto, na mais alta (porém não maior) expressão poética de suas lembranças, que necessita dos itinerários reais ou imaginários que registrou em suas crônicas para elevar a sua visibilidade. Considera-se, no entanto, que a sua obra em prosa é tão significativa quanto a sua obra poética. Segundo Leodegário A. de Azevedo Filho, na apresentação do segundo volume de crônicas de viagem,

Viajar com ela é conhecer o mundo, deliciar-se com magníficos instantâneos, percorrer grandes universidades européias e americanas, participar de congressos internacionais, entrar em contato com personalidades de vários domínios da cultura, comer pratos exóticos, conversar com gente humilde do povo, admirar a paisagem e valorizar o tempo humano, em sua grandeza e precariedade. (AZEVEDO FILHO apud MEIRELES, 2000, p. 23).

O tempo, para Cecília, é o presente, pois é ele que abarca tudo. Só ele existe. E isso está estampado também em seus poemas, quando retrata as pessoas, o sofrimento, os questionamentos sobre quem é esse povo que constrói a vida em pedra e mármore. A nostalgia, presença constante, é bem visível em "Canção de Sorrento", poema que fecha a primeira edição de *Poemas Italianos*, em que Cecília se vale apenas de suas memórias, e não de lamentações, para registrar a saudade:

Sorrento, Sorrento,
se eu não voltar mais,
mão cuides que é o vento
nos teus laranjais:
é o meu pensamento.

É o meu sonho isento
de desejos, de ais
ou contentamento,
de ilusões mortais,
Sorrento, Sorrento... (MEIRELES, 2005, p. 102)

"Saudades futuras", instantâneos italianos publicados no terceiro volume de crônicas de viagem, Cecília tece algumas suposições sobre alguns pontos em que visitou na Itália, como um concerto realizado no Castelo Sant'Angelo, em Roma, e a certeza de sentir falta dos pavimentos de certos palácios e suas exposições artísticas. Em uma dessas notas, a viajante valoriza a amizade que se estabelece com comerciantes, garçons, guias e livreiros:

Ainda que nunca mais os vejamos, teremos sempre ao nosso alcance, em forma de saudade, estes amigos repentinos que há dois meses não existiam, e agora são imortais: a mão que estende livros, a que oferece violetas, a que procura uma lembrança: uma roupa folclórica, um fragmento de mosaico... E a voz que recita versos: e a que convida para um pequeno restaurante onde se come o mais famoso saltinboca; a voz que descreve o Capitólio e o gesto que aponta a cidade, do alto do Janículo.
Tudo isto virão a ser saudades. (MEIRELES, 2000, p. 73).

E é em "Viagens Encantadas", crônica de 1961, que a viajante diz que o encanto das viagens é encontrar, em algum lugar que jamais se teve notícia antes ou que jamais se frequentou, alguma criatura que na véspera nem se conhecia e descobrir ser tão amiga como os amigos de infância. O sentimento de amor por essas pessoas e esses lugares é visto também nos poemas de maneira mais contida, como em "Geografia", em que Cecília faz a charada mais

importante: “Qual é a cidade que, vista ao contrário, está no coração?” (MEIRELES, 1968, p. 37).

São esses elementos – amor, nostalgia, imponência e irmandade – que enlaçam a obra em prosa e a obra poética de Cecília relacionadas à Itália. Partindo do mais mundano contato com as ruas, casas, palácios e meios de transporte, vê-se todo o lirismo de uma escritora interessada sobretudo no que aprende empiricamente, no que vê com o coração e com o que sente com os olhos. Suas crônicas, seus instantâneos e seus poemas italianos são obras que se complementam partindo do pessoal para o universal e do universal para o mais íntimo da escritora e de seus leitores.

CHIODA, L. Memories of Travels to Italy in Cecília Meireles’ Chronicles and Poetry. **Olho d’água**, São José do Rio Preto, v. 2, n. 1, p. 68-73, 2010.

Referências

ALVES, G. *O segredo e a faca na poesia de Cecília Meireles*. **Suplemento Literário Minas Gerais**. Belo Horizonte: Minas Gerais, v. 15 (825) , p. 08 – 09, 24/07/1982.

BOSI, A. *O ser e o tempo na poesia*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1997.

CAVALIERI, R. V. *Cecília Meireles: o ser e o tempo na imagem refletida*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

COHEN, J. *Estrutura da linguagem poética*. Trad. A. Lorencini e A. Arnichand. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1974.

DAMASCENO, D. *Cecília Meireles: o mundo contemplado*. Rio de Janeiro: Orfeu, 1967.

GOLDSTEIN, N. *Versos, sons e ritmos*. São Paulo: Ática, 2005.

GOUVÊA, L. V. B. (Org.) *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007.

GOUVÊA, L. V. B. *Cecília em Portugal*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

MELLO, A. M. L.; UTEZA, F. *Oriente e Ocidente na poesia de Cecília Meireles*. Porto Alegre: Libretos, 2006.

MEIRELES, C. *Canções*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. *Crônicas de Viagem 2*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. *Crônicas de Viagem 3*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

_____. *Poemas italianos*. (com versão em italiano de Edoardo Bizzarri). São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1968.

_____. *Poesia completa*. Organização Antônio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

OLIVEIRA, A. M. D. *Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas, 2001.

PFEIFFER, J. *Introdução à poesia*. Trad. Manuel Villaverde Cabral. Lisboa: Europa-América, 1966.

RICARDO, C. *A academia e a poesia moderna*. São Paulo: **Revista dos Tribunais**, 1939.

SÁ, J. de. *A Crônica*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1987.

TODOROV, T. A viagem e seu relato. Trad. Lea Mara Valezi Staut. **Revista Brasileira de letras**, São Paulo, v. 39, p. 13 - 24, 1999.

ZAGURY, E. *Cecília Meireles*. Petrópolis: Vozes, 1973.